

## Uso de psicofármacos pelos albergados do presídio de Muriaé (MG)

**Eliane Romana de Abreu NÓBREGA**, elianeromarr@hotmail.com<sup>1</sup>; **Andre Luiz Ignachitti HONÓRIO**<sup>2</sup>; **Letícia Muller MIRANDA**<sup>2</sup>; **Bruno Coelho SOUZA**<sup>2</sup>; **Juliana Maria Rocha S. CRESPO**<sup>3</sup>

1. Graduada em Farmácia pela Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé (MG);
2. Especialista em Farmacologia Clínica pela FAMINAS, Muriaé (MG);
3. Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa (MG); professora na FAMINAS, Muriaé (MG).

Artigo protocolado em 13 ago. 2013 e aprovado em 13 out. 2013.

**RESUMO:** Os psicofármacos são medicamentos que atuam sobre o sistema nervoso central e seu uso deve limitar-se ao imprescindível, vez que são drogas que podem causar dependência e, por conseguinte, influenciar no comportamento psicossocial do indivíduo. Este trabalho avaliou o uso destes medicamentos pelos albergados do presídio de Muriaé (MG). Observou-se que a maioria dos albergados faz uso de psicofármacos.

**Palavras-chave:** psicofármacos, ansiolíticos, antidepressivos, albergados.

**ABSTRACT:** Use of psychotropic drugs by the prison housed in Muriaé (MG). Psychotropic drugs are medicines that act on the central nervous system and its use should be limited to essential, since they are drugs that can cause addiction and therefore influence the social behavior of the individual. This study evaluated the use of these drugs by the prison

housed in Muriaé (MG). It was observed that most housed make use of psychotropic drugs.

**Keywords:** psychiatric drugs, anxiolytics, antidepressants, sheltered.

**RESUMEN: El uso de drogas psicotrópicas por la prisión ubicada en Muriaé (MG).** Los fármacos psicotrópicos son medicamentos que actúan sobre el sistema nervioso central y su uso debe limitarse a los servicios esenciales, ya que son drogas que pueden causar adicción y, por tanto, influir en el comportamiento social del individuo. En este estudio se evaluó el uso de estos fármacos por la prisión ubicada en Muriaé (MG). Se observó que la mayoría albergada hace uso de psicofármacos.

**Palabras claves:** psicofármacos, ansiolíticos, antidepresivos, abrigo.

## Introdução

A utilização de psicofármacos tem sido crescente nas últimas décadas em vários países, consequência, sobretudo, do aumento de diagnósticos de transtornos psiquiátricos na população de modo geral. Sabe-se que o uso destes medicamentos é indispensável no tratamento de algumas formas de transtornos mentais ou distúrbios psiquiátricos, tais como, ansiedade, insônia, depressão, agitação, convulsão e a psicose (WINOGRAD, 2000). De acordo com o Ministério da Saúde, estima-se que pelo menos 21% da população brasileira, ou seja, 39 milhões de pessoas fazem uso ou necessitarão, alguma vez na vida, de atenção e atendimento nos serviços de saúde mental, e que 3% da população sofrem de transtornos mentais graves e persistentes (RODRIGUES, 2006).

Os psicofármacos são medicamentos que atuam sobre o sistema nervoso central, logo, a indicação terapêutica deve ser sintomática e seu uso deve limitar-se ao imprescindível, vez que são drogas que podem causar dependência e, por conseguinte, influenciar no comportamento psicossocial do indivíduo (BRASIL, 2000). Observa-se que fatos do cotidiano podem contribuir para a transformação de todo mal-estar psíquico em doença, associado a uma grande valorização da concepção biológica do sofrimento psíquico que incentiva o tratamento baseado essencialmente em recursos químicos (FERRAZZA et al., 2010). Nesse sentido, sugere-se que uma pesquisa farmacoepidemiológica do consumo de

psicofármacos em uma determinada população homogênea auxilie a definição do tipo de intervenção que deve ser realizada. Para que isso ocorra, há a necessidade de dados específicos a respeito do padrão de consumo em certos grupos populacionais (BELTRAME, 2003). Partindo-se desse contexto, o objetivo deste trabalho consiste em avaliar o uso desses medicamentos pelos albergados do presídio de Muriaé (MG).

## **I – Metodologia**

Trata-se de estudo quantitativo realizado através de uma pesquisa de campo, tendo como público alvo 26 (vinte e seis) albergados do presídio de Muriaé (MG). Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado com 10 perguntas, sendo a pesquisa aplicada individualmente com cada albergado. Após a coleta de dados, esses foram analisados, tabulados estatisticamente por meio do programa Microsoft Excel e apresentados em forma de gráficos.

## **II – Resultados e discussão**

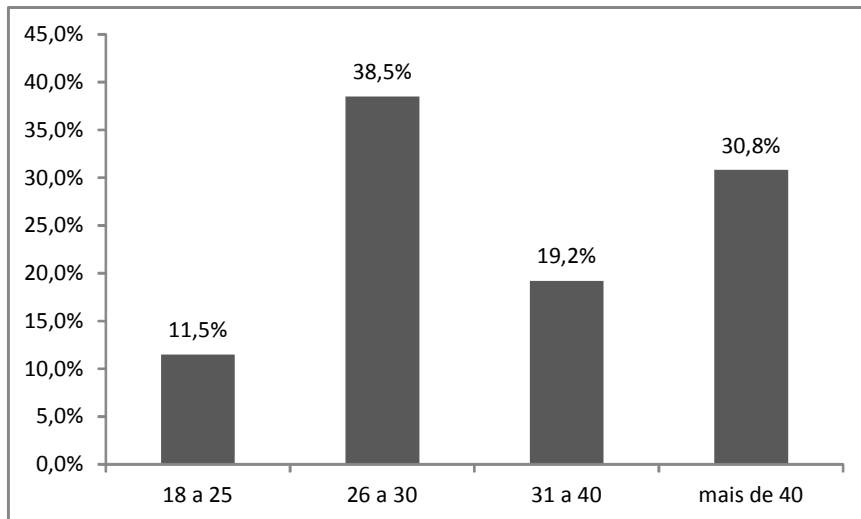
O estudo realizado permitiu verificar que a maioria dos albergados, ou seja, 10 (38,5%) possuem entre 26 a 30 anos, oito (30,8%) mais de 40 anos, cinco (19,2%) entre 31 a 40 anos e três (11,5%) possuem de 18 a 25 anos, conforme se verifica no Gráfico 1. Comparando-se o uso de psicofármacos entre os entrevistados de 18-30 anos com os de 31 em diante, este resultado vai ao encontro do que aponta a literatura (RODRIGUES 2006) que revela que, normalmente, ocorre um aumento do consumo de psicofármacos de acordo com a idade.

De acordo com o Gráfico 2, observa-se que 18 (69,2%) dos entrevistados possuem somente 1º grau incompleto, existindo com isso a prevalência de um nível baixo de escolaridade entre os participantes do estudo. Este resultado também foi observado em pesquisa (RODRIGUES 2006) que apontou uma redução no consumo de psicofármacos entre os indivíduos com maior escolaridade, quando comparados com o grupo sem escolaridade.

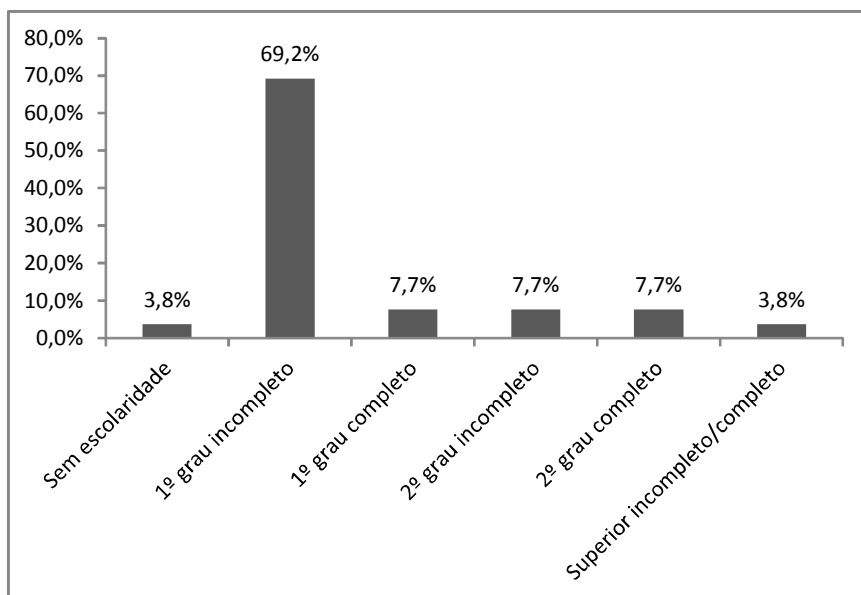
Em relação aos filhos, o Gráfico 3 demonstra que 18 (69,2%) são pais (em média, 3 filhos por detento) e oito (30,8%) não possuem filhos.

Quanto ao estado civil, de acordo com o Gráfico 4, 10 (38,5%) são casados, 10 (38,5%) são solteiros, cinco (19,2%) separados e um (3,8%) viúvo.

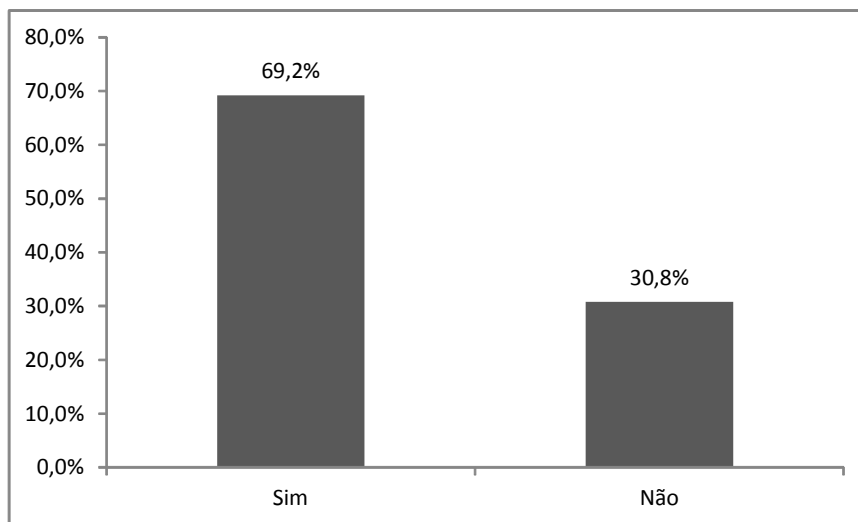
**GRÁFICO 1** Distribuição percentual dos entrevistados quanto à faixa etária



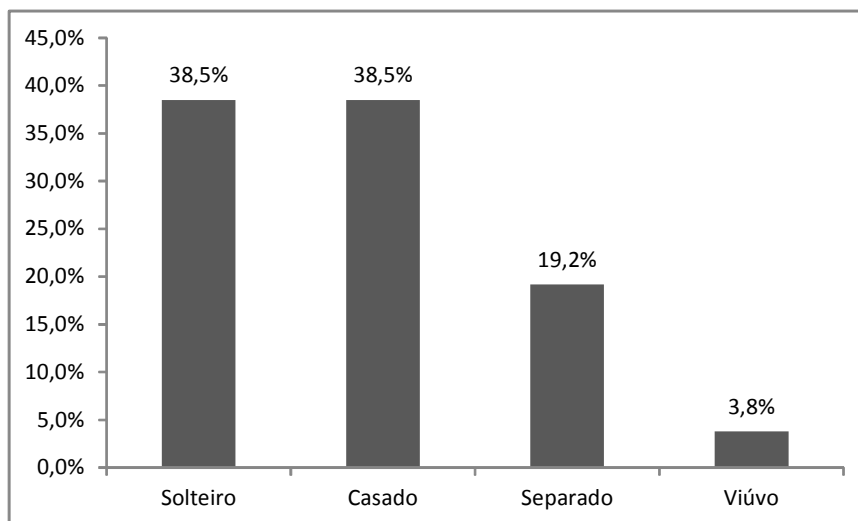
**GRÁFICO 2** Distribuição percentual dos entrevistados quanto à escolaridade



**GRÁFICO 3** Distribuição percentual dos entrevistados quanto à paternidade



**GRÁFICO 4** Distribuição percentual dos entrevistados quanto ao estado civil



Estudos (RODRIGUES, 2006) apontam que a situação conjugal não apresenta associação significativa com o consumo de psicofármacos.

O uso de psicofármacos prevalece entre a maioria dos entrevistados (53,8%), como demonstra o Gráfico 5. Dentre os participantes do estudo, 12 (46,2%) disseram não usar esta classe de medicamento. No entanto (ANTONACCI, 2011), os psicofármacos devem ser considerados como parte integrante do arsenal terapêutico para o tratamento dos transtornos mentais, e não como a única alternativa cabível.

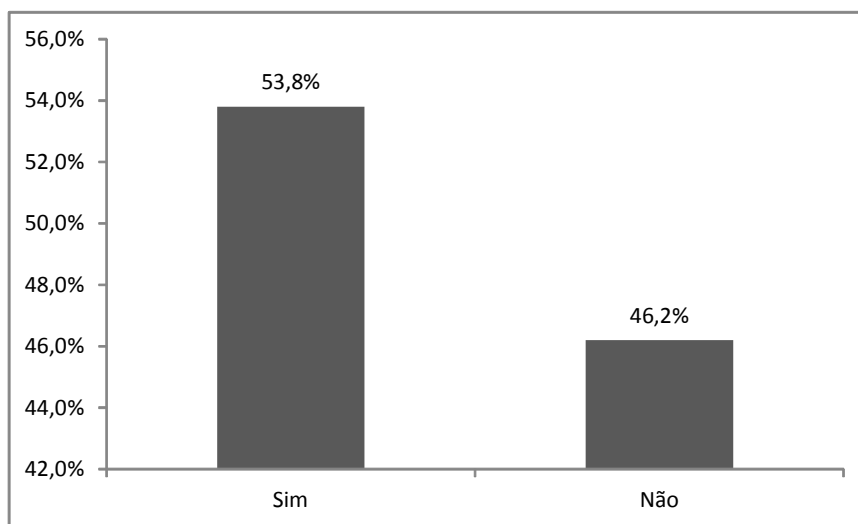
Dentre aqueles que fazem uso de psicofármacos, todos afirmaram que usam regularmente, sendo que cinco (36%) há menos de um ano, quatro (29%) há mais de 9 anos, três (21%) entre 1 a 3 anos, e dois (14%) entre 3 a 5 anos, como verificado no Gráfico 6. Faz-se oportuno registrar (BALLONE, 2013) que em determinadas doenças ou situações, recomenda-se o psicofármaco por um período breve e determinado, outros requerem um período mais prolongado de meses ou anos, e em algumas patologias o tratamento com psicofármaco é para uso contínuo.

Quanto aos efeitos colaterais, cinco (36%) entrevistados citaram sonolência, cansaço, fadiga e diminuição da frequência cardíaca. Cita-se (BELTRAME, 2008) que a busca por psicofármacos mais seletivos e com menos efeitos colaterais, nos últimos 50 anos, tem sido constante. Conforme o Gráfico 7, dos 14 entrevistados que fazem uso de psicofármacos, 10 (71%) apontaram a insônia como efeito colateral, nove (64%) a ansiedade, cinco (36%) a depressão e um (7%) a agitação.

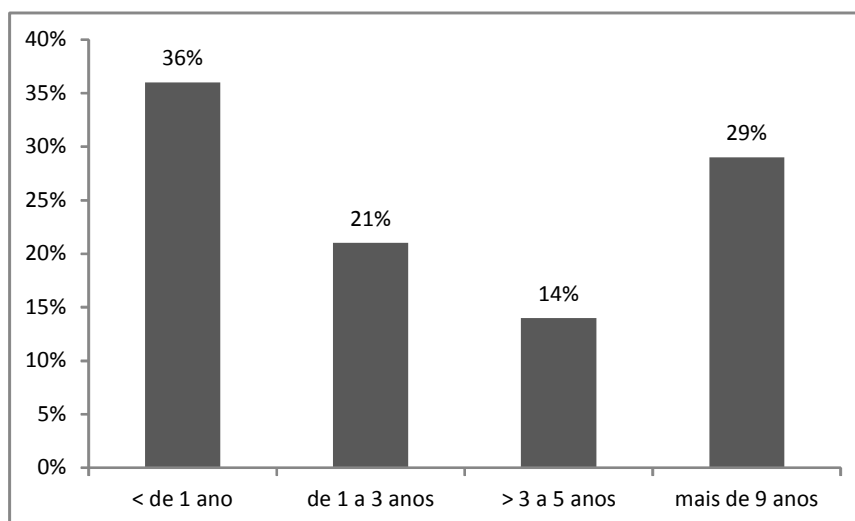
De acordo com o Gráfico 8, entre as classes de medicamentos mais consumidos, 11(79%) entrevistados responderam ansiolíticos e três (21%) antidepressivos.

Os ansiolíticos (BALLONE, 2013), também denominados de benzodiazepínicos ou tranquilizantes, possuem propriedades miorrelaxantes e anticonvulsivantes e são comumente utilizados em tratamentos de insônia, ansiedade, estresse, pânico, agitação etc. Porém, quando consumidos em doses altas, possuem efeito sedativo hipnótico. Nenhum antidepressivo está livre de efeitos adversos (BRATS, 2012). Provavelmente, o efeito seletivo de alguns fármacos na concentração de serotonina, norepinefrina e/ou dopamina interfere na frequência e intensidade de reações adversas gastrointestinais, emocionais, motoras, metabólicas, entre outras. Os efeitos adversos mais comuns são: constipação, diarreia, tontura, dor de cabeça, insônia, náusea, vômito, disfunções sexuais e sonolência.

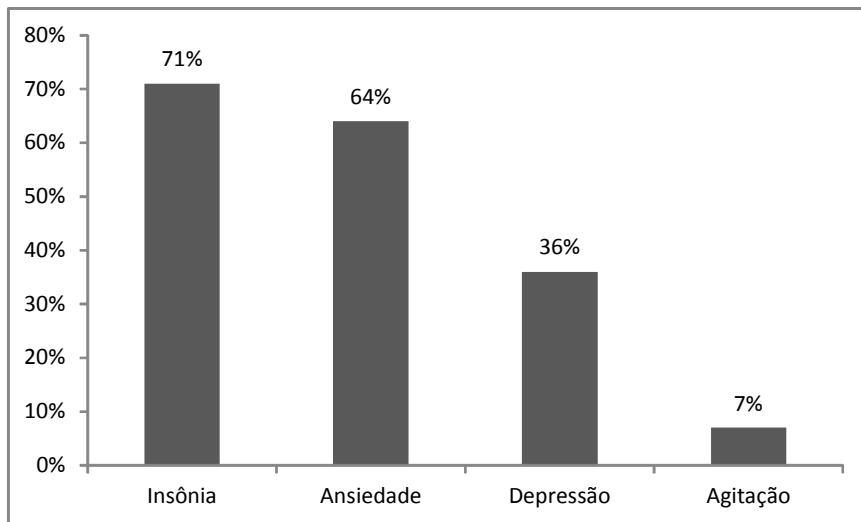
**GRÁFICO 5** Distribuição percentual dos entrevistados quanto ao uso de psicofármacos



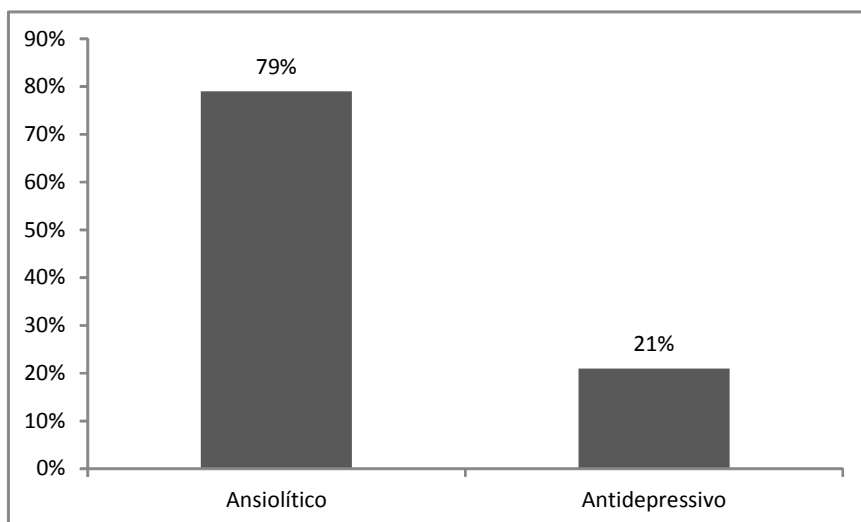
**GRÁFICO 6** Distribuição percentual dos entrevistados quanto ao tempo de uso de psicofármacos



**GRÁFICO 7** Distribuição percentual dos entrevistados quanto ao(s) motivo(s) que levaram ao uso de psicofármacos



**GRÁFICO 8** Distribuição percentual dos entrevistados quanto às classes de medicamentos mais consumidas





### III – Considerações finais

Este estudo permitiu analisar o uso de psicofármacos entre albergados no município de Muriaé (MG). Esta é uma população predisposta a usar esta classe de medicamentos. Neste estudo, a maioria dos entrevistados faz uso de psicofármacos. Acredita-se que o ambiente de isolamento onde se encontram facilita o desenvolvimento de ansiedade, depressão, agitação, insônia dentre outros transtornos psiquiátricos. No entanto, acreditamos ser importante construir um novo olhar para o cuidado em saúde mental, sobretudo entre albergados, que não se restrinja ao contexto do sintoma e da sua contenção, mas que inclua a história de vida, a reconstrução dos laços afetivos, a convivência e o incentivo às tarefas cotidianas como propostas de libertação das amarras ocasionadas pelo sofrimento mental. Cresce o uso de psicofármacos entre albergados e detentos, sendo um problema de saúde mental não só no município de Muriaé, mas em todo país.

### Referências

ANTONACCI, Milena Hohmann; PINHO, Leandro Barbosa de. Saúde mental na atenção básica: uma abordagem convergente assistencial. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 32, n.1, p. 136-142, mar. 2011.



BALLONE, G. J. **Curso de Psicofarmacologia**. 2003. Disponível em: <<http://gballonesites.uol.com.br/cursos/farmacologia2>>. Acesso em: maio 2013.

BELTRAME, M. M. **Análise o padrão de consumo de psicofármacos**: dos usuários da estratégia saúde da família do bairro centro, no município de São Ludgero (SC). 2008. 53 f. Monografia (Saúde Mental) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008.

BRATS - Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde. Antidepressivos no transtorno depressivo maior em adultos. **Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde**, v. 6, n. 18, mar. 2012. Disponível em: <[http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/838fdf804aec14f9b529bfa337abae9d/brats18+\(2\).pdf?MOD=AJPERES](http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/838fdf804aec14f9b529bfa337abae9d/brats18+(2).pdf?MOD=AJPERES)>. Acesso em: maio 2013.

BRASIL, Heloisa Helena A. Princípios gerais do emprego de psicofármacos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 40-41, jun. 2000.

FERRAZZA, D. A.; LUZIO, C. A.; ROCHA, L. C.; SANCHES, L. R. R. M. A banalização da prescrição de psicofármacos em um ambulatório de saúde mental. **Paidéia**, São Paulo, v. 20, n. 47, p. 381-390, jan./abr. 2010.



RODRIGUES, Maria Aparecida P; FACCHINI, Luiz Augusto; LIMA, Maurício Silva de. Modificações nos padrões de consumo de psicofármacos em localidade do Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 107-114, dez./2006.

WINOGRAD, Monah. O sujeito das neurociências. **Trabalho Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 521-535, 2010.